ANÔNIMOS, FAMOSOS E VIAJANTES

Karla Vidal

Anônimos, famosos e viajantes de Karla Vidal
está licenciado com uma Licença Creative
Commons - Atribuição 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em
<http://www.karlavidal.com.br>.

A licença permite a distribuição, remixagem,
adaptações e criações a partir da obra, desde
que seja atribuído o devido crédito pela criação
original. É a licença mais flexível de todas as
licenças disponíveis. É recomendada para
maximizar a disseminação e uso dos materiais
licenciados.

IMAGENS

Karla Vidal

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Karla Vidal (Pipa Comunicação)
<http://www.pipacomunica.com.br>

REVISÃO

Augusto Noronha e Clécio Vidal

Catálogo na publicação (CIP). Ficha catalográfica produzida pelo editor executivo

V648

Vidal, K.

Anônimos, famosos e viajantes / Karla Vidal. - Recife: Pipa
Comunicação, 2013.
99p. : Fotografias.

Inclui bibliografia. 1ª ed.
ISBN 978-85-66530-22-3

1. Fotografia. 2. Arte. 3. Antropologia. 4. Cidade. 5. Espaço
urbano. 6. Transporte coletivo
I. Título.

770 CDD

77 CDU

c.pc:10/14ajns

Karla Vidal

ANÔNIMOS,
FAMOSOS
E VIAJANTES

Pipa Comunicação
Recife - 2013

Prefixo Editorial: 66530

COMISSÃO EDITORIAL

Editores Executivos

Augusto Noronha e Karla Vidal

Conselho Editorial

Alex Sandro Gomes

Angela Paiva Dionisio

Antonio Carlos Xavier

Carmi Ferraz Santos

Cláudio Clécio Vidal Eufrasino

Cláudio Pedrosa

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Clecio dos Santos Bunzen Júnior

Pedro Francisco Guedes do Nascimento

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Ubirajara de Lucena Pereira

Wagner Rodrigues Silva

Conteúdo

07	Agradecendo
08	Prefácio: Observação enquanto ofício
13	Epígrafe
15	Introdução: de ensaio a livro
19	Apresentação
23	Embarque
61	O ensaio
66	O objeto
70	O campo
76	Por que fotografar?
80	O que se quis com isso
83	Os artistas
86	O momento
89	Dificuldades
91	Rebobinando o processo
97	Técnicas utilizadas
98	Referências

Agradecendo

Agradeço a todos os artistas que me emprestaram um pouco de sua arte para que eu pudesse desenvolver a minha. Agradeço também a Augusto que, de tão sublime, tornou augusta também a minha ideia, desde quando ela não passava de uma simples conversa de ônibus. Meu irmão Clécio só me fez crescer. Meus pais que em mim acreditaram. Agradeço ainda às energias enviadas de Guarulhos, Salvador, João Pessoa, Caruaru, Porto Alegre, Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Florianópolis e Recife. Cada uma dessas energias vai se encontrar nos caminhos dos meus agradecimentos, assim como sementes que germinaram flores pelas estradas de todo o processo.

Ao professor Eduardo Duarte que me orientou de fato e de direito. Aos olhares críticos e construtivos de Isabel Duarte e Eduardo Queiroga, que aceitaram meu convite para avaliar o ensaio quando ele era tão somente um projeto de conclusão de curso. Élvio que, no escuro do laboratório, deu luz a minha ideia. E o meu mais carinhoso agradecimento a Pedro Guedes que prefaciou a obra de forma tão bela e sincera e ao mestre Alcir Lacerda (*in memoriam*) que, como um mago, acrescentou seu toque de magia às ampliações que compuseram o ensaio exposto no Centro de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, em 2006.

PREFÁCIO

Observação enquanto ofício

Prof. Dr. Pedro Francisco
Guedes do Nascimento (UFPB)

A observação enquanto ofício se constitui em um exercício constante de tornar estranho o que é familiar e, do mesmo modo, transformar o familiar em estranho. Essa operação nunca simples (sobre a qual antropólogos como Gilberto Velho e Roberto DaMatta têm nos ajudado a refletir) talvez se torne ainda mais desafiadora quando pressupomos conhecer o que está perto confundindo familiaridade com conhecimento. A fábrica de preconceitos e estereótipos se alimenta desse lugar cômodo de onde seguimos apenas olhando sem ver. Até que alguma situação ou alguém nos ajudam a sair do imobilismo.

Anônimos, famosos e viajantes contribui para o deslocamento de nossa percepção e a superação de estereótipos. Talvez os leitores que, como eu, tenham muito mais familiaridade com comerciantes e pedintes em ônibus, sejam ainda mais provocados a focar o olhar para fugir da comparação apressada com os artistas anônimos fotografados por Karla Vidal. Onde estaria a diferença? Como ultrapassar a barreira cômoda da familiaridade que mantém tudo distante?

A densidade do olhar da autora no desenvolvimento de sua observação já pode ser percebida desde as primeiras páginas

de sua obra. No entanto, a riqueza das fotos, que já dizem, é ampliada com as informações técnicas do processo de fotografia e pela revelação do desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Neste aspecto, além da valorização do bastidor e do processo como um todo, a autora nos relembra outra lição importante para adensar as observações: a valorização daquilo que, visto em primeiro momento, parece pequeno e sem importância. Desse modo, a riqueza da descrição do projeto é mais um elemento a nos ajudar na desmistificação da imagem como algo pronto.

Como parte da reflexão crítica sobre o contexto no qual as imagens foram produzidas a situação de *ilegalidade* da prática desses artistas é um elemento importantíssimo. Karla Vidal nos situa quanto ao uso não autorizado do espaço do ônibus, que é remediado pelas relações de amizade e solidariedade entre artistas e motoristas. Essa valorização é parte da força com que seu olhar nos insere em um circuito mais amplo em que estão situados os sujeitos observados/fotografados.

Anônimos, famosos e viajantes é um livro para ser visto – como quis a autora. E será difícil não começar a viagem pelas

imagens. Mas acho mesmo que o leitor ao ler a apresentação da autora sentirá uma enorme vontade de começar tudo de novo e muitas outras vezes, ajustando o foco.

O trabalho de etnografia feito pela fotógrafa ou o trabalho de fotografia feito pela etnógrafa? Não importa a ordem que você dê ou mesmo se você considerar imprópria a separação das duas atividades. O que Karla Vidal nos apresenta é um profícuo exercício de observação que nos ajuda a ver e nos mostra alguns caminhos para conseguir isto.

VOCÊ CONSEGUE OLHAR

mas nem sempre consegue ver

Algo acontece... Sempre acontece... Mas, será que sempre se vê? Em um ônibus, longos e curtos percursos, tantos pensamentos... Na imaginação, tantas viagens distantes dali. Se fosse possível escutar o que pensam os viajantes... Assim, tão longe, perde-se de perceber o tão perto. Mas há tempos que os ônibus viraram palco de artistas. A expressão criativa se fez verbo ao seu lado e ninguém precisa negar estar onde está, para descobrir que não viaja sozinho. Desperte. Olhe em volta. Boa Viagem.

Prof. Dr. Eduardo Duarte (UFPE)

INTRODUÇÃO

De ensaio analógico a livro digital

Karla Vidal

Esta é uma série de fotografias marcadas. São marcas do contraste entre o claro e o escuro das imagens e o contraste social exposto nas cenas em que se olha sem querer ver. Marcas de poeira e marcas de movimento. Marcas do momento em que se guardavam memórias na superfície de acetato dos negativos impressionados pela luz que nós deixávamos adentrar pela lente no mais puro processo analógico de captação de imagens. Marcas estas presentes nas imagens seja na granulação resultante do alto ISO aplicado ou nos arranhões resultantes de um processo de revelação ainda experimental. Marcas que me ajudam a contar a história de um momento

em que a opção pelo analógico representava mais do que esperar pela revelação do filme para ver o resultado de uma jornada de clicks, representava o desafio de sair em busca de insumos, de equipamentos e de profissionais dispostos a trabalhar com a fotografia analógica quando a digital crescia de forma esmagadora sinalizando um caminho sem volta.

A ideia de transformar a série *Anônimos, famosos e viajantes* em livro surgiu em 2013, pouco tempo depois do meu estúdio de design se lançar no mercado também como editora. Era a oportunidade de levar o projeto para além da universidade.

Iniciei o processo em 2013 quando convidei o antropólogo e amigo querido Pedro Guedes para prefaciar o projeto. Em seguida parti para a diagramação e digitalização das imagens, procedimento que refiz inúmeras vezes até chegar a um resultado que me agradasse.

Foi difícil. Confesso que relutei um pouco e até cogitei não seguir com a publicação. Mesmo com o livro pronto e registrado decidi parar para analisar a iniciativa um pouco mais. Em tempos de domínio quase absoluto da fotografia digital pensei que as marcas que o meu processo totalmente analógico carregava pudessem, de

certa forma, inibir a leitura. Só percebi que estava errada quando observei atentamente e vi que as marcas das minhas imagens também contam muito da história não só do projeto e de seu momento, como do meu desenvolvimento enquanto fotógrafa. Esse processo durou mais ou menos um ano e é por isso que o livro tem seu ano de registro 2013, mas está sendo lançado um ano depois.

Nesses dias em que fotografamos de tudo a todo momento com nossos dispositivos móveis, ficou muito mais claro que

mais importante do que o processo fotográfico é a história que se quer contar, o cenário que se quer mostrar e as pessoas que queremos retratar. Mais importante que o suporte é a emoção, principalmente quando registramos cenas do cotidiano das pessoas. E foi assim que *Anônimos, famosos e viajantes* adentrou 2014 e se transformou em e-book sob a licença Creative Commons 4.0 de Cultura Livre, cujo foco são estudantes e pesquisadores da fotografia com um pé na antropologia ou da antropologia com um olho na fotografia.

APRESENTAÇÃO

Andar de ônibus pode ser mais que se deslocar de um lugar para outro. Pode levar a um contato direto com a arte. Arte essa que muitas vezes passa pelos nossos olhos como mais uma parada ou como um passageiro que esbarra. Passa por nós e vai embora. Para onde? Não sabemos e nem queremos saber.

Assim como as paradas, os passageiros ou a paisagem que corre junto a nossa janela, nos encontramos, quase todos os dias, com aqueles que fizeram dos ônibus o palco principal da sua arte. Emboladores, músicos, poetas. Esses artistas, tão artistas quanto aqueles que escolheram outros palcos, pos-

suem nesse espaço coletivo uma forma de exposição e – por que não? – remuneração do seu trabalho.

Mas nós, passageiros, motoristas, cobradores, nem sempre olhamos para estes artistas como fazemos em outros ambientes. Ou talvez olhamos, mas não conseguimos ver. Transformamos a música ou o poema em mais um tempo-espço desmerecido de atenção na nossa vida cotidiana.

Porém, há aqueles que olham e conseguem ver. Este ensaio fotográfico é uma tentativa de fazer ver estas expressões artísticas

que para alguns são invisíveis. Através das lentes da câmera, aqueles que não veem poderão ser estimulados a passar do estágio do simples olhar para o estágio da apreciação estética, "esbarrando" em detalhes que lhes passam despercebidos todos os dias.

EMBARQUE

Certa vez um professor me fez
uma pergunta:

*– Você acha que realmente há alguma
coisa interessante para se fotografar
dentro dos ônibus?*

E foi além:

*– Você acha que rende alguma coisa
fotografar aqueles pedintes que só
incomodam as pessoas nos ônibus?*

Foi assim que decidi carregar
a câmera que tinha com filme
e sair em busca daquelas
imagens que realmente me
interessavam.

“Bater o pandeiro qualquer
um bate.
Arte mesmo é saber fazer
versos com as pessoas”.

(Xexéu)

Terno e gravata em sinal de respeito ao trabalho.

“Artistas precisam aparecer bem ao público”.

Versos e sons
em equilíbrio constante.

O instrumento
dá o ritmo e o folêgo
é o amplificador.

Observar, contemplar as
coisas do nosso meio,
isso requer tempo.

Para saboreá-las,
é preciso parar, o que
é quase impossível
diante do imediatismo
das nossas necessidades
diárias.

(Rosane Andrade)

Nesse palco
o público é quem denomina
quem é o artista.
Para existir, não basta o olhar,
é preciso ser ouvido.

Nem verso, nem canção,
nem nuvem no céu.
Olhar para tudo
e não conseguir ver nada.

Ele olhou em volta e nada viu, a não ser ele mesmo. (...) Ele pensou: Do que é que eu tenho medo? Não há nada, exceto eu mesmo, e aí desapareceu seu medo.

(Joseph Campbell)

"Meus versos e minha
música eu levo pra rua.
Artista tem é que tocar na
rua para todo mundo ter
acesso. Nos ônibus, eu
garanto, pelo menos, parte
desse acesso".

(Felipe Mendes)

Aquele que tiver olhos,
que veja.

Estudante, apresente sua carteira.
Artista, apresente-se também.

O caminho dos pensamentos distantes.

A pressa, inimiga da canção.

Olhos de olhar.
Olhos de ver.
Olhos de lembrar.

*Eu sou louco mais sou feliz
Muito mais louco é quem
me diz (...) Quando acabar o
maluco sou eu.*

(Raul Seixas, interpretado
por Felipe Mendes)

A viagem chata,
em que estamos condicionados a olhar para frente,
de repente ficou mais interessante,
olhando para trás.

Olhos mágicos enxergam além do olhar.

Com que olhos deveríamos retratar
aqueles que enxergam com cuidado
as coisas do mundo?
Que maneira de olhar deveríamos lançar
àqueles que vêem e reparam
nessas coisas?

(Rosane Andrade)

Eu sei que você sabe, quase sem querer,
que eu vejo o mesmo que você.

(Renato Russo)

Elas não viam até quando quem cantava lhes pediu
um sorriso em troca de uma canção.

Dez centavos, cinco centavos... Um vale A ou um vale B... Um chiclete, um bombom, um big-big... Aceito tudo, até mesmo um sorriso.

Saem notas musicais e entram notas em reais.

Haveria aqui um outro significado para a expressão
“passar o chapéu”?

Com as moedas, respeito, admiração e aproximação.

Porque todo show,
independente do tipo
de palco, precisa ser
remunerado.

Pelas portas passam
trabalhadores, estudantes e
artistas.

Da porta para dentro os
significados se perdem na
imensidão dos pensamentos.
Viagem não é viagem,
paisagem não é paisagem e
arte não é arte.

Dentro do ônibus tudo é
invisível.

As portas estão fechadas
para que, assim, faça-se
ver, olhando para dentro, o
invisível.

ANÔNIMOS, FAMOSOS E VIAJANTES

o ensaio

O ENSAIO

“... às vezes o que eu vejo quase ninguém vê. Mas, sei que você sabe quase sem querer que eu vejo o mesmo que você”.

Renato Russo

O ensaio fotográfico *Anônimos, famosos e viajantes* foi produzido entre os meses de outubro de 2005 e junho de 2006 como projeto de conclusão do meu curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV na Universidade Federal de Pernambuco. O projeto teve, e ainda tem, a intenção de pensar a fotografia, em que estão retratados artistas “anônimos” que se apresentam nos ônibus da cidade do Recife, como um meio capaz de revelar, documental e artisticamente, as relações sociais provenientes da interação entre artista e observador (passageiro).

A proposta foi mostrar imagens que, a partir da mediação de um olhar específico, revelassem cenas que fazem parte do cotidiano das pessoas e que podem não ser vistas, somente presenciadas.

Existe nessa consideração, uma diferença entre o ver e o olhar. Uma mesma cena pode ser vista por alguém que se apropria dela, que consiga parar para observar e perceber que ali existem elementos que juntos emitem um sinal, transmitem uma mensagem que fica registrada na memória de quem decodificou. Segundo Roland Barthes, toda configuração visual constitui um texto,

um enunciado em que vários signos se juntam para informar, expressar, significar. Esta mesma cena pode ser somente presenciada ou simplesmente olhada por alguém. Nesse contexto, o simples ato de olhar faz com que não haja envolvimento e aquela possível mensagem deixe então de ser compreendida. Existe uma desvalorização do momento que, sob a perspectiva da imagem, faz com que os elementos da cena se tornem invisíveis. Daí a necessidade de ir a busca desses elementos de acordo com a proposta de Phillippe Dubois quando afirmou que a principal finalidade da fotografia é fazer ver o invisível.

Essa desvalorização do momento, e consequentemente da imagem, se dá pelo fato de que nos dias de hoje as pessoas, principalmente aquelas submetidas às horas diárias dentro dos ônibus, viajando pelo mesmo trajeto e vendo as mesmas cenas, estão em contato constante com um bombardeio de informação visual que faz com que os olhares estejam condicionados. Na verdade existe um automatismo do olhar, movido por valores e preconceitos, que acaba inibindo a percepção de cenas que estão ao alcance dos nossos olhos, mas que podem não ser vistas com seus respectivos significados.

Tal envolvimento, do observador com a cena, não se dá somente em uma dimensão artística. É a partir do ato de ver e captar uma mensagem numa cena – sendo nesse caso uma captação através da fotografia – que outras dimensões aparecem como, por exemplo, dimensões sociológicas e antropológicas. A imagem fotográfica possibilita ao observador identificar aspectos históricos, culturais e sociais daquele instante fotografado. No caso específico deste ensaio, um grupo social ainda pouco comentado, mas bastante representativo, que faz parte do dia a dia da sociedade há bastante tempo.

Pensando a imagem fotográfica nessas outras dimensões, José de Souza Martins, no artigo "A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil", publicado na edição 16 da *Revista Estudos Avançados*, diz que:

Talvez as coisas fiquem um pouco mais fáceis se pudermos lidar com a documentação visual, e especificamente com a fotografia, enquanto meio de compreensão imaginária da sociedade e abrirmos mão, de vez, da ilusão de haver na fotografia um documento socialmente realista e objetivo. As fantasias, as ilusões, as distorções, os equívocos de interpretação de senso

comum, as expressões de 'falsa consciência' ou de auto-engano também são documentos relevantes para as ciências sociais, para o estudo das mentalidades e das relações entre consciência social e relações sociais. (Martins, 2002)

O que se quis de fato foi utilizar a fotografia enquanto registro social e artístico daqueles que foram considerados por mim artistas anônimos. Mais do que revelar os movimentos que são desencadeados nos ônibus, desejei revelar a beleza estética desses movimentos que acontecem diante dos olhares do público.

Através da imagem fotográfica os espectadores são estimulados a passar do estágio do simples olhar para o estágio do ver, envolvendo-se com a situação e desenvolvendo um processo de identificação da, ou com a, cena fotografada.

Sobre esse envolvimento que a fotografia proporciona, James Hillman no livro *O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal*, na página 47 diz

A vida, como as imagens, não pede dinâmica familiar nem disposições genéticas. A vida se mostra como imagem antes mesmo de haver uma história de vida. Ela pede pri-

meiramente para ser vista. Mesmo se cada imagem estiver de fato preta de significados e sujeita a uma análise minuciosa, se pularmos para o significado sem apreciar a imagem, teremos perdido um prazer que não pode ser recuperado nem pela melhor das interpretações. Teremos também tirado o prazer da vida que estamos contemplando. A exibição de sua beleza torna-se irrelevante para seu significado. (Hillman *apud* Andrade, 2002).

A partir dessa observação, estampada em fotografias, os artistas puderam adquirir autoridade, saindo do lugar do invisível para assumirem seu papel enquanto artistas.

O OBJETO

Artistas "Anônimos"

Quem viaja de ônibus diariamente pela Região Metropolitana do Recife percebe uma significativa característica no transporte coletivo: o espaço franqueado às apresentações culturais populares de diferentes tipos. O que hoje é caracterizado como um tempo-espaço transitório – aquele que desconsideramos em nosso cotidiano – teria sido, desde sua formação, palco para esses artistas populares? Deixa-se a divagação para outras oportunidades, perguntando apenas do agora.

Entre as manifestações que encontram no espaço ônibus uma plataforma de

exposição, percebe-se a ocorrência de três grupos específicos: comerciantes, pedintes e artistas anônimos. O primeiro grupo é caracterizado por aquelas pessoas que perceberam os ônibus – assim como os metrô, as ruas, os supermercados ou a praia – como um espaço de grande fluxo de pessoas, em que há também um considerável fluxo de dinheiro, favorável à exposição e posterior venda de produtos. O segundo grupo se constitui daquelas pessoas que assim como os que fazem comércio identificaram nos trocos das passagens uma oportunidade de arrecadação de dinheiro.

O terceiro grupo – recorte específico deste ensaio fotográfico – são aquelas pessoas que já desenvolviam algum tipo de trabalho artístico e utilizam os ônibus como palco para suas apresentações, seja por falta de “espaço” em outros ambientes ou por achar nos ônibus uma plataforma alternativa de exibição da sua arte, diferentemente daqueles que viram na música uma possibilidade de arrecadação de dinheiro e experienciaram nos ônibus o seu primeiro contato com esse tipo de arte.

O diferencial dos artistas tema deste ensaio fotográfico, em relação aos demais

grupos, é que os ônibus são procurados por eles não apenas como espaço de exibição, mas também como espaço de geração de renda. Tal aspecto não faz com que esse tipo de arte ou de artista esteja numa situação inferior aos demais. No entanto, a divisão de espaço estabelecida com os dois outros grupos citados estimula a construção de valores movidos por preconceitos, levando o aspecto artístico para um segundo plano. Nesse grupo, no Recife, estão inseridos músicos, emboladores, poetas, atores e ventríloquos, levando em consideração a relação dos artistas com instrumentos artísticos externos

(instrumentos musicais, bonecos, roupas etc), aqueles que proporcionam um “algo mais” na composição da imagem.

Mas, por que denominar essas pessoas de “artistas anônimos?” No imaginário popular, os artistas assumem o papel de pessoas conhecidas. Nesse caso existe uma pequena diferença. Os passageiros possuem apenas o registro visual desses artistas na memória. Registro esse que precisa de algum tipo de estímulo para ser despertado como uma citação durante uma conversa ou uma fotografia, a proposta deste projeto. Outras informações, como o nome ou lugar de origem,

são ofuscadas. São pessoas que sempre se vê ou das quais se ouve falar, mas não se sabe muito a respeito. É diferente da relação que existe entre o público e os artistas “conhecidos” em que há uma relação de proximidade, identificação e reconhecimento enquanto artista. No entanto, esses artistas, anônimos famosos, conseguem minutos de reconhecimento, por parte daqueles que se permitem vê-los, no palco que criaram para desenvolver sua apresentação.

O CAMPO

Recortes

A necessidade de deslocamento é algo inerente ao ser humano. Isso faz com que diariamente as pessoas consigam estar em vários espaços diferentes, um deles o ônibus. Nesse ambiente específico, acontece uma série de relações e fenômenos sociais passíveis à observação e consequente pesquisa.

No caso específico deste ensaio, o campo de inserção do objeto de estudo foram os ônibus que circulam na Região Metropolitana do Recife. Nesse campo se deu um primeiro recorte em relação às linhas que ligam a Universidade Federal de Pernambuco ao centro da cidade, mas es-

pecificamente àquelas que tem a Avenida Caxangá como meio de trajeto. Dentro desse recorte decidi incluir como início de percurso o bairro do Derby no centro da cidade e como final a UFPE. Dessa forma incluí no campo de pesquisa os ônibus que fizeram parte da minha trajetória diária, àqueles que partem ou chegam ao bairro de Boa Viagem, zona sul da cidade, passando pelo Derby em direção à UFPE.

Com base em pesquisa feita por meio de rede de informações e observação participante – já que o objeto escolhido fez parte da minha trajetória diária de deslocamento dentro da cidade – percebi que era nessa

região que se concentrava o maior número de apresentações nas quais eu poderia encontrar com mais frequência o objeto a ser estudado. A rede de informação foi tecida com base nas falas de passageiros que circulam diariamente nas linhas com o itinerário acima citado.

Da região escolhida, a área que merece maior destaque é a Avenida Caxangá, presente na fala da maioria das pessoas entrevistadas. Essa avenida é considerada um dos maiores corredores de circulação de ônibus da cidade do Recife. As linhas mais citadas foram CDU/Várzea, Cidade Univer-

sitária, CDU/Caxangá Boa Viagem e CDU/Boa Viagem/Caxangá. Essas duas últimas linhas, além de cortar a avenida Caxangá, seguem ou partem em direção ao bairro de Boa Viagem.

"Pego com muita frequência o PE15-Afogados e o Barro/Macaxeira para ir para a UFPE, além de Campina do Barreto, Cajueiro e Chão de Estrelas para ir para casa. Em nenhum deles eu vejo esses artistas mam-bembes. Só vendedores – de doces, sabonetes artesanais – e pedintes (adultos e crianças). Acho que esses artistas são mais comuns nas linhas que cortam a Caxangá. Apesar de já ter visto, uma vez, um rapaz

tocando violão e cantando (Legião Urbana) no metrô".

ANDERSON

"Bem, costumo pegar os ônibus no eixo caxangá-derby-centro e o inverso, ou seja, o amigo cdu-várzea e o cdu/cax/bv, principalmente. Voltando do Centro, além desses, pode ser avenida do forte, cdu/bv/cax, engenho do meio, barbalho (detran), entre outros. Nesses ônibus, normalmente não vejo artistas. Um que me lembro é um cara com um triângulo, cantando músicas de Leandro/Leonardo e outras do top, e ele entrava em qualquer dessas linhas desse eixo, especialmente no trecho da Caxangá".

ANA

"Pego quase sempre a linha 954 Caetés I. No ônibus das 19h30, tem um menininho chamado Jorge que sempre toca triângulo. O legal é que ele diz: 'aaaaaaao vivo!!! sucesso no Caetés I !!!' É muita onda!!! E ainda leva uns trocados..."

FELIPE

O segundo recorte dizia respeito aos horários em que mais se percebia a incidência do objeto. A princípio os horários de grande circulação de passageiros. No entanto, observei que havia uma necessidade de escolha de períodos em que os ônibus não atingissem lotação excessiva, já que era preciso espaço para circulação durante as

apresentações. Esses horários específicos concentraram-se próximos aos horários chamados “picos”.

A partir dos primeiros contatos, estabelecidos com alguns dos artistas personagens do ensaio, percebi que seria necessária uma mudança de foco, observando o centro da cidade como principal área de atuação desses artistas. A justificativa presente nas falas dos artistas seria a de que as linhas que fazem trajetos do subúrbio para o centro da cidade, e vice-versa, são as de mais fácil acesso já que os motoristas são “pessoas conhecidas”, muitas vezes residindo na mesma comuni-

dade em que vivem os artistas. Assim, não havia necessidade do pagamento da passagem, pois o motorista liberava a entrada pela porta traseira. Dessa forma havia possibilidade de ampliar o número de apresentações, fazendo várias viagens por dia.

Sendo assim, ampliou-se a quantidade de linhas e itinerários, não havendo muita constância na escolha de empresas e trajetos. O fator determinante na seleção da linha e/ou da empresa ficou sendo a livre escolha do artista que subia no veículo que considerava mais adequado a sua apresentação naquele instante, levando em consideração

a quantidade de passageiros e a permissão do motorista.

No desenvolvimento da pesquisa identifiquei alguns locais de concentração dos artistas. Muitos deles eram facilmente encontrados de terça a sexta nas paradas de ônibus em frente ao hospital da Restauração, área central da cidade do Recife, ponto de encontro de quase todos os emboladores que se apresentam nos ônibus. Nessa região foi possível encontrar diversas duplas, algumas durante todo o dia e outras só na parte da manhã.

Outro lugar onde facilmente encontrei emboladores e músicos foram as paradas da

Avenida Conde da Boa Vista e do Parque Treze de Maio, ambos no centro do Recife.

POR QUE FOTOGRAFAR?

O que mais motivou a elaboração do ensaio *Anônimos, famosos e viajantes* foi a frase do cineasta russo Sergei Eiseinstein quando disse que "a imagem tem o mesmo status da palavra".

A partir dessa reflexão observei que, em sua grande maioria, as formas de registro sobre relações ou fenômenos sociais são feitas através de pesquisas apresentadas nas formas verbais ou escritas.

Luiz Eduardo Robinson Achutti, fotógrafo, antropólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no artigo *Fotos e palavras, do campo aos livros*,

publicado na *Revista Studium* do Instituto de Artes da Unicamp, afirma que

Os trabalhos de pesquisa são normalmente apresentados na forma verbal e na forma escrita. Formas essas sabe-se desde sempre preponderantes nos processos de construção da descrição etnográfica e, por consequência, mais facilmente aceitas. Tal supremacia conferida ao texto e à palavra se deve, por certo, às práticas acadêmicas de sempre, cuja pertinência científica não costuma ser colocada em questão. Não tem sido usual, porém, pensar que isso pode se dever também à falta de domínio de outras linguagens e técnicas.

A fotografia ao observar e registrar os movimentos de determinados grupos sociais – em minha abordagem, os movimentos provenientes da interação entre artista e observador nos ônibus – torna-se um instrumento relevante enquanto meio capaz de mostrar e dar legitimidade a esses artistas e sua forma de expressão, como também capaz de revelar, assim como as palavras de José de Souza Martins, que

“Por trás da fotografia, mesmo aquela com intenção documental, há uma perspectiva do fotógrafo, um modo de ver que está referido a situações e significados que não

são diretamente próprios daquilo que está sendo fotografado e daqueles que estão sendo fotografados, mas referido à própria e peculiar inserção do fotógrafo no mundo social".

Assim, as imagens fotográficas, enquanto objetos de pesquisa, são "documentos relevantes para as ciências sociais, para o estudo das mentalidades e das relações entre consciência social e relações sociais" (Martins, 2002). E enquanto meio artístico é capaz de construir novos olhares e estimular a formação de novos valores como, por exemplo, a atenção para o fato de que a es-

colha do ônibus não faz com que esse tipo de arte ou de artista esteja numa situação inferior aos demais.

O formato *ensaio fotográfico* foi escolhido justamente pelo fato de pensar a fotografia enquanto forma artístico-narrativa em que a união de elementos – contraste, perspectiva, textura etc – formassem um enunciado capaz de expressar um significado específico.

Não se trata somente de congelar um instante específico e levá-lo aos olhos de observadores que não presenciaram a situação, mas sim, de recortar uma cena a

partir de um olhar específico, mediado, que transporte o observador para as dimensões históricas, culturais e sociais daquele instante fotografado. Através deste estímulo o observador é convidado a desenvolver um processo de envolvimento com a cena percebendo a beleza que nela existe e que sem o auxílio da imagem fotográfica estaria posta em segundo plano.

O QUE SE QUIS COM ISSO?

Motivações e objetivos

Revelar de maneira documental e artística as relações sociais provenientes da interação entre artistas e observadores (passageiros) nos ônibus. Estimular a desconstrução de preconceitos em relação a esse tipo específico de arte ou de artista, mostrando que a condição a que estão submetidos não faz com que estejam em situação inferior aos demais e, proporcionar que o observador, através das fotografias, passe do estágio do simples olhar para o estágio de observação e envolvimento com esses artistas, fazendo com que eles – as pessoas observadas – saiam do lugar do invisível, as-

sumindo e legitimando seu papel enquanto artistas.

Preparando o processo

Para atingir os objetivos descritos anteriormente, este projeto envolveu um conjunto de ações integradas:

- Pesquisa para identificação de passageiros que tomam conduções dentro do campo escolhido e que pudessem constituir o primeiro estágio da rede de informações;
- Conversa com esses passageiros, motoristas e cobradores para identificação das linhas, dos percursos e dos pontos de ônibus nos quais esses artistas costumavam estar;
- Definição de dias e horários para as saídas fotográficas;
- Definição de linhas e trajetos para as saídas fotográficas;
- Identificação e seleção dos artistas que seriam fotografados;
- Contato via celular com cada artista, único meio de comunicação utilizado por eles;

- Conversa com cada artista selecionado para registro de informações sobre a vida e o trabalho de cada um deles;
- Acompanhamento da trajetória diária de cada um desses artistas para saídas fotográficas;
- Execução de saídas fotográficas em diferentes intervalos de tempo;
- Revelação do material obtido;
- Edição do material obtido;
- Ampliação das imagens resultantes da edição;
- Montagem da exposição.

Hoje, oito anos após a realização do projeto, temos o registro do trabalho também em formato livro digital, cujo objetivo primordial é estimular e servir como orientação para estudantes que desejem desenvolver projetos semelhantes

OS ARTISTAS

Xexéu e Castanhola

São moradores do Alto Zé do Pinho, importante centro de cultura do Recife. Do bairro já despontaram nomes como Zé Brown e Canibal. São emboladores e revelaram tocar nos ônibus com o objetivo de fazer com que esse tipo específico de atividade seja reconhecido pelo seu valor artístico, assim como Caju e Castanha. "Aqui no Recife somente os cantadores de viola tem espaço garantido para se apresentar, nas rádios, na televisão,

tem até festival municipal de cantadores, mas pra gente, o único espaço são os ônibus mesmo". No entanto, além dos ônibus a dupla se apresenta de tempos em tempos em festas e eventos em que são contratados pelos próprios passageiros que os veem se apresentar nos ônibus e anotam o telefone para contato disponível no chapéu, que além do terno e da gravata, compõem o visual da dupla.

Fábio Cascavel , Águia e Neguinho

Fábio Cascavel é profissional autônomo. Tem um lava-jato como principal fonte de renda da família, mas toca pandeiro nos ônibus há vários anos. É conhecido como *o galego do pandeiro*. Do seu show fazem parte o pandeiro e o inseparável chapéu de couro. Fábio toca pelo prazer de ver as pessoas rindo de suas emboladas. Durante o projeto, seu parceiro Águia, desacreditado da música, voltou para o interior. Fábio então não mediu forças e logo arrumou outro parceiro para continuar suas emboladas: Neguinho, que tem na embolada nos ônibus sua única fonte de renda.

"Só bato pandeiro, é a única coisa que sei fazer", diz Neguinho. Fábio conta que houve uma época em que a Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos (EMTU) esboçou um projeto em que os cantadores seriam organizados com carteirinha e uniformes. Mas o projeto só ficou mesmo na fase de teste que durou um mês. O maior sonho de Fábio é poder entrar no ônibus sem o medo de ser posto pra fora pelos fiscais da EMTU ou sem ter que se preocupar com o que pode acontecer com o motorista que o deixa subir.

Felipe Mendes

Graduado em Jornalismo pela UFPE, em 2005 já tocava nos ônibus a mais ou menos 6 anos. Além de jornalista é músico e revelou tocar nos ônibus pelo prazer da experiência de garantir aos passageiros o acesso a sua música e poesia. Além de tocar música de artistas já consagrados como Alceu Valença e Chico Buarque, Felipe toca também suas próprias composições além de recitar poemas de sua autoria. "Acredito muito na importância de levar mensagens para as pessoas.

Escolhi os ônibus porque acho que artista tem que levar a arte pra rua, para quem não tem acesso", diz o artista.

O MOMENTO

2005 um ano de mudanças

O projeto foi desenvolvido inteiramente em processo preto e branco: do filme, passando pela revelação até chegar às ampliações. A opção pela fotografia em preto e branco foi motivada por minha fascinação pelas imagens produzidas neste tipo de processo. Para mim, a fotografia em preto e branco, apesar de não mostrar as cores reais da cena fotografada, revela muito mais, pois diz tudo o que se propõe a dizer, da forma mais simples: com o claro e o escuro.

Esse tipo de fotografia me ajuda a descondicionar o olhar. Em preto e branco consigo perceber detalhes que não consigo ver em meio ao volume de cores de um mundo cada dia mais sobrecarregado de informação visual. Em preto e branco passo mais tempo admirando uma imagem, enxergando seus detalhes e interpretando a mensagem.

Talvez a opção por esse processo tenha sido a principal dificuldade encontrada. Em tempos em que o processo digital domi-

na quase que completamente o mercado fotográfico, não só no Brasil, como em diversos países, fica cada vez mais difícil o acesso a produtos indispensáveis como papel fotográfico, químicos, equipamentos e serviços.

Numa descrição sucinta do cenário da fotografia em preto e branco no ano de 2005 é possível listar a mudança de foco de atuação de duas grandes empresas do ramo: a AGFA e a Kodak. A primeira finalizando seus negócios no setor fotográfico e a segunda deixando de produzir todos os suprimentos para fotografia analógica em preto e branco, concentrando seus esforços na fotografia digital.

Nesse período de dificuldades das duas empresas, outra gigante do mercado, a Ilford, também passou por problemas de administração e exportação de suprimentos. Assim, em 2005, no Brasil, não se encontrava mais insumos para a fotografia em preto e branco, a não ser, entrando em filas de espera das importações, cada dia mais escassas e problemáticas. A última remessa de papéis da Ilford chegou a ficar presa no porto por um mês e doze dias, segundo matéria publicada na revista *Fotografe Melhor* de março daquele ano.

A busca por papel fotográfico durou cerca de dois meses. Entre telefonemas e fi-

las de espera, descobri uma loja em Curitiba que tinha as últimas unidades de um papel importado, da marca tcheca Foma. Iniciei uma pesquisa em relação à qualidade do produto e descobri que a empresa era reconhecida no mercado, atuava na área desde 1921, além de ser indicada como uma opção a mais em papel fotográfico, pela revista *Fotografe Melhor*. Sendo assim, esta dificuldade foi superada e papéis e químicos suficientes para o ensaio foram adquiridos.

No decorrer do trabalho de campo algumas dificuldades previstas se confirmaram como adequação do filme e equipamento às condições adversas do ambiente

(ônibus em movimento). Todas essas dificuldades foram superadas com uma atenção maior ao equipamento, aos filmes utilizados e às condições de luz de acordo com os horários escolhidos.

DIFICULDADES

Entre as dificuldades vivenciadas destaco a ação dos motoristas que proibiam as apresentações. Mas, essa dificuldade foi rapidamente superada, pois já existia uma relação de amizade entre alguns motoristas e artistas, o que garantiu as apresentações diárias.

Outro fator que mereceu destaque, em relação ao campo, foi a ação da Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos (EMTU), nos meses de fevereiro e março de 2006. Na rua, os fiscais da instituição fizeram ronda no principal local de concentração dos artistas, paradas em frente ao Hospital da Restauração, o que inibia, mas não impedia, o acesso aos ônibus.

A violência pontual em determinadas situações do protesto dos estudantes contra o aumento das passagens na época, fez com que algumas semanas de trabalho para o projeto fossem adiadas. Durante uma saída fotográfica, o ônibus em que estava foi parado e achei melhor guardar a câmera para evitar qualquer tipo de conclusão distorcida, por parte dos estudantes, da minha presença enquanto fotógrafa.

Em relação ao objeto de estudo – os artistas – a maior dificuldade foi estabelecer o primeiro contato. Mesmo utilizando a estratégia de rede de informação, em que os contatos eram feitos por indicação de ou-

tros artistas conhecidos, alguns deles acabaram não acreditando no projeto, achando que poderia ser alguma ação da EMTU para fiscalizar e proibir as apresentações. Outros ainda agendavam as saídas e não compareciam no dia e local combinados. No entanto, todos os artistas que aceitaram participar do projeto foram muito solícitos e cooperaram bastante com informações e com suas apresentações.

Nos meses de realização do projeto, fui pega de surpresa com a informação de que alguns artistas com os quais estabeleci contato, saíram da cidade ou desistiram de se apresentar nos ônibus. Um deles, inclusive,

chegou a ser fotografado, mas com sua partida, seu parceiro teve que achar uma outra pessoa para formar uma nova dupla. Outro artista foi a São Paulo se apresentar em um programa de televisão, permanecendo lá.

REBOBINANDO O PROCESSO

O curso de Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, foi a melhor escolha que pude fazer em relação ao desenvolvimento de uma carreira profissional. Desde cedo havia a convicção do interesse pelo trabalho e pelos estudos da imagem. No entanto, a partir do contato com as teorias da comunicação, sob a perspectiva da imagem, ficou claro para mim o interesse pela fotografia.

Com esse objetivo de ampliar os conhecimentos sobre os estudos da imagem, foi desenvolvida, durante todo o curso, uma trajetória de estudos e dedicação a esta área.

Logicamente, traçar uma trajetória específica, em um curso com larga abrangência, em uma universidade pública, não é tarefa das mais simples. Digo larga abrangência devido à multiplicidade de atribuições de um comunicador, principalmente com uma habilitação em Rádio e TV que lhe permite adentrar por áreas como radiodifusão, cinema, web e fotografia. Posso afirmar que foi essa complexidade que funcionou como estímulo para a busca de conhecimentos e especialização, tanto dentro como fora da sala de aula.

Motivada por esse estímulo, busquei complementar a grade de disciplinas obri-

gatórias do curso agregando disciplinas eletivas relacionadas a minha área de interesse. Destaco aqui as disciplinas *Introdução à Fotografia, Semiologia da Imagem e do Som, Fotografia e Iluminação e Filmografia*. Todas estas despertando a inspiração para o desenvolvimento deste projeto.

As dificuldades não foram poucas. Mas, acredito que quando um aluno quer se tornar profissional, toda e qualquer dificuldade é superada ou, no mínimo, amenizada. A falta de professores é suprimida pela leitura. O acesso aos equipamentos é resolvido com a busca de técnicas alternativas. A prática é desenvolvida em estágio.

Dessa forma o aluno é quem constrói a sua graduação, subindo cada degrau de acordo com o seu interesse na área, no meu caso a imagem.

Não é intuito aqui amenizar as responsabilidades – ou falta delas – da universidade em relação ao aluno e vice-versa. No entanto, acredito ser imprescindível a compreensão dos diversos momentos vivenciados no curso, tanto por parte do aluno como pela faculdade. Muita coisa precisa ser revista e até mesmo construída de forma coletiva.

Ao longo da graduação, tive a oportunidade de adquirir conhecimentos, extra-universidade, em cursos e estágios. Essas

oportunidades amadureceram tanto a minha técnica como o meu olhar, agora mais atento e menos condicionado.

Enfim, o curso de comunicação social graduou-me enquanto profissional que emprega as estratégias de comunicação, no contexto das imagens e com recorte na fotografia, visando à democratização da informação. Assim, garantindo o acesso das pessoas a fotografia, como objeto fotografado ou como apreciador dessa forma de expressão artística, a partir de um olhar livre que prioriza a diversidade e a desconstrução de preconceitos.

Ao final do processo cheguei à conclusão de que um ensaio fotográfico iria muito mais além do que um simples registro visual de um momento específico. Fotografar determinado tema é buscar entendê-lo e fazer com que ele seja entendido através de um ponto de vista, que pode não ser o de determinada pessoa, mas pode conduzi-la a ver aquilo que, até então, se apresentava invisível. Sobre essa compreensão eu destaco a fala de Rosane Andrade, em *Fotografia e Antropologia. Olhares fora-dentro*, quando afirma que:

"Olhar para o mundo é uma condição; compreendê-lo por meio desse olhar é uma busca eterna, instigante e fascinante. Fascinante porque é pela contemplação da beleza do mundo que nos encantamos e nos apaixonamos. Instigante porque a vontade de mergulhar em seu desconhecido pode nos levar ao diferente e transformar o que estamos viciados a enxergar." (Andrade, 2002).

Através da pesquisa pude confirmar a hipótese de que nós costumamos olhar os artistas nos ônibus, mas não somos capazes de vê-los.

Falo em pesquisa porque a mensagem que quis transmitir através do ensaio não poderia ser construída sem o intenso

processo de observação participante e sem o contato amplo estabelecido com os artistas, grandes estimuladores da criatividade e principal fonte de informação. Esses artistas já o eram antes de serem fotografados. Seus significados já existiam. Mas, agora, para aqueles que não os conseguiam ver, talvez alguns dos seus significados ou seu papel enquanto artistas sejam estabelecidos a partir da observação das fotografias.

A comunicação, enquanto estrutura do projeto, deu-se justamente nesse contato estabelecido com os artistas. Para poder falar do outro ou se comunicar com ele é preciso conhecê-lo. Além disso, é preci-

so ouvi-lo. É nessa relação dialógica que se constrói a mensagem, passível de ser decodificada em sua multiplicidade de interpretações.

Ficou com o projeto a vontade de ampliação dos estudos desse grupo social e desse espaço público pouco explorado, seja artística ou cientificamente.

Assim o projeto chegou ao final não somente reafirmando o lugar dos artistas, estimulando a desconstrução de preconceitos, mas também garantindo o acesso à fotografia, tanto por parte dos fotografados, que talvez nunca tenham tido a oportunidade de serem reconhecidos nesse espaço, como

também daqueles que verão as imagens, não acostumados a ver os artistas como tais e, tampouco, entender a fotografia enquanto representação artística dessa arte.

A intenção do projeto *Anônimos, famosos e viajantes* foi artística, mas, há ainda uma função de inclusão social através da fotografia, em que se buscou garantir o acesso a fotografia enquanto expressão artística, tanto daqueles que foram fotografados, como dos passageiros usuários do sistema de transporte coletivo da Região Metropolitana do Recife, público-alvo do ensaio.

TÉCNICAS UTILIZADAS

Todo o ensaio foi desenvolvido em processo analógico e em preto e branco.

A câmera utilizada foi uma Pentax MZ-50 de objetiva 35-80mm (4.0-5.6).

O filme escolhido foi o Kodak Tri-X com ISO 400. Em todas as situações foi necessário "puxar" o ISO do filme para 800. Essa alteração foi necessária para garantir as fotos nas diversas condições de luz dentro dos ônibus em movimento. Em alguns momentos foi utilizado o filme T-Max com ISO 100. No entanto, esse filme não satisfez minhas necessidades, tendo de ser abandonado.

As saídas foram todas feitas durante o dia para o máximo aproveitamento da luz na-

tural do ambiente. Não foi utilizado nenhum tipo de iluminação artificial. O maior número de saídas aconteceu entre 14h e 16h. Algumas saídas aconteceram às 8h.

As ampliações finais foram produzidas em laboratório no formato 30x40cm, utilizando o papel fotográfico profissional Foma speed SP 313 tipo Kodachrome com superfície pérola e contraste grau 3.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. *Caderno de campo Digital - Antropologia em novas mídias*. Horizontes Antropológicos, ano 10, p. 273-289, Porto Alegre: jan/jun, 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo R.; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Fotos e Palavras, do campo aos livros*. I. Revista Studium, n. 16 p. 1-3, Campinas: outono, 2004. Disponível em <http://www.studium.iar.unicamp.br/12/narrativa/index.htm>.

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

BARTHES, Roland. *A câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, [s/d].

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985b. p. 165-196. v. 1

CAIAFA, Janice. *Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. *O outro lado do texto fotográfico* - I. Revista Studium, n. 12, p. 1-2, Campinas: verão 2002/2003. Disponível em <http://www.studium.iar.unicamp.br/12/narrativa/index.htm>.

DUBOIS, Phillipe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1998.

LOVINY, Cristhophe; SILVESTRI-LÉVY, Alessandra. *Cuba por Korda*. Cosac & Naify, São Paulo: 2004.

MARTINS, José de. *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*. Revista Estudos Avançados, n. 16 (45), São Paulo: 2002.

MONTEIRO, Mario Bitt. *Teoria dos universos circundantes. Percepção, espaço e fotografia: uma abordagem metodológica*.

"Enquanto os mega-astros saem em
turnê pelos continentes, ganhar o
mundo, para os artistas que fotografei,
significa viajar nos palcos-ônibus que
circulam por avenidas como a Conde
da Boa Vista, versão periférica da
aldeia global que integra passageiros
de todos os cantos da Região
Metropolitana do Recife".

Karla Vidal vem se dedicando, por meio da imagem fotográfica, a romper com imaginários estereotipados que a cultura projeta em grupos sociais. Foi isso que fez ao retratar o cotidiano de artistas "anônimos e famosos", que atuam em ônibus da Grande Recife. Seu projeto mais recente, ***Vejam Vocês!*** retrata o modo como os idosos se apropriam do espaço urbano no cotidiano europeu. Sócia-diretora da Pipa Comunicação, é formada em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência nas áreas de Comunicação, Design e Educação com ênfase em consultoria e desenvolvimento de projetos. Em seu sítio web estão disponíveis séries fotográficas produzidas a partir de seus olhares pelo mundo.

<http://www.karlavidal.com.br>

EDITADO PELA PIPA COMUNICAÇÃO

Rua Irene Gomes de Matos, 97 · Boa Viagem · Recife · PE

(81) 9138-3702 · 8698-0337

<http://www.pipacomunica.com.br> - contato@pipacomunica.com.br

ANÔNIMOS, FAMOSOS E VIAJANTES

Eles são artistas que não estamos acostumados a ver. Apresentam-se em teatros que se movem pela rua sobre rodas, parando de instante em instante para trocar de público. Têm audiência, mas pouca fama. A bilheteria desses shows não raro é o fundo de um pandeiro ou de um chapéu com os quais fazem sua performance. Enganou-se quem pensa que se está

descrevendo algum espetáculo do teatro do absurdo. Estamos falando do trabalho dos artistas que se apresentam diariamente em ônibus da Região Metropolitana de Recife. E são eles o tema do ensaio fotográfico *Anônimos, famosos e viajantes: você consegue olhar, mas nem sempre consegue ver*, de Karla Vidal.

Clécio Vidal

Jornalista. Mestre em Comunicação e
Doutorando em Teoria Literária.

Edição